



P E N G U I N  C O M P A N H I A

CLÁSSICOS

ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY

Carta a um refém

Carta a um refém

Tradução e posfácio de
Mônica Cristina Corrêa





CARTA A UM REFÉM

ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY nasceu em Lyon a 29 de junho de 1900. Foi piloto e escritor, conhecido como o “poeta da aviação” por ter feito de sua profissão a matéria-prima de seus livros. Piloto militar e civil, em 1926 foi contratado pela empresa de correio aéreo Latécoère em Toulouse (França). Pilotou entre Toulouse e Dakar, sendo nomeado chefe do aeródromo em cabo Juby (Tarfa, Marrocos) em 1927. Vivendo no deserto marroquino, escreveu *Correio sul* (1929). Entre 1929-31, Saint-Exupéry foi diretor, em Buenos Aires, da Aeroposta Argentina, braço da Aéropostale. Escreveu *Voo noturno* (1931), vencedor do prêmio Femina. Nesse curto período sobrevoou o Brasil, onde havia onze escalas da Aéropostale. Em 1934, Saint-Exupéry entrou para a Air France no setor de propaganda e percorreu 11 mil quilômetros fazendo conferências. Dois raids que tentou executar com seu mecânico resultaram em acidentes quase fatais: em 1935, na rota Paris-Saigon, eles caíram no deserto da Líbia. Após três dias andando, os dois homens foram encontrados, quase mortos de sede, por beduínos; em 1938, no raide Nova York-Terra do Fogo, a dupla caiu na Guatemala logo ao decolar. Foram meses de recuperação, e o piloto apresentou muitas sequelas. A publicação de seu livro *Terra dos homens* (1939), premiado na França e nos Estados Unidos, traria novos momentos de glória. Em 1940, Saint-Exupéry se engaja como piloto de reconhecimento. Parte depois para os Estados Unidos e lá escreve *Piloto de guerra* (1942), *Carta a um refém* (1943) e *O pequeno príncipe* (1943), ilustrado por ele mesmo. Aos quarenta e quatro anos, ainda executa missões junto a seu grupo aéreo, o 2/33. Durante uma delas, em 31 de julho de 1944, Saint-Exupéry desaparece misteriosamente. Em 1998, um bracelete com seu nome foi resgatado do mar Mediterrâneo, o que conduziu aos destroços do avião que ele pilotava, um P-38 Lightning, em 2002. Todavia, as circunstâncias de sua queda ainda são investigadas.

MÔNICA CRISTINA CORRÊA nasceu em 10 de abril de 1966, em São Paulo (SP). É graduada em letras (português, francês e italiano), mestre e doutora em língua e literatura francesas e tem pós-doutorado em literatura comparada (Brasil-França), todos os títulos obtidos pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Traduziu obras de André Pieyre de Mandiargues, George Sand, Michel Serres, Tahar Ben Jelloun e Tzvetan Todorov, pelas quais recebeu bolsas de incentivo do governo francês. Foi colaboradora dos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Valor Econômico* e das revistas *Cult*, *História Viva*, *Língua Portuguesa* e *Educação*. Responsabilizou-se pela curadoria de diversas exposições sobre a vida e a obra de Saint-Exupéry e sobre as empresas Latécoère e Aéropostale, e ainda correalizou o documentário *De Saint-Exupéry a Zepferri*, lançado em 2011 na França e no Brasil. Atualmente vive em Florianópolis e é presidente da Associação Memória da Aéropostale no Brasil (Amab), trabalhando em conjunto com a Fondation Latécoère e a Succession Antoine de Saint-Exupéry pela memória da antiga companhia no Brasil.

Sumário

CARTA A UM REFÉM

Posfácio

Cronologia

Sugestões de leitura

Carta a um refém

Quando em dezembro de 1940 atravesssei Portugal a caminho dos Estados Unidos, Lisboa me surgiu como uma espécie de paraíso claro e triste. Falava-se muito ali de uma invasão iminente, e Portugal se agarrava à sua felicidade ilusória. Lisboa, que construía a mais deslumbrante exposição que houve no mundo, sorria de um sorriso um pouco pálido, como o das mães que, sem notícias de um filho na guerra, esforçam-se para salvá-lo com sua confiança: “Meu filho está vivo, pois estou sorrindo...”, “Olhem como estou feliz e pacífica e bem iluminada...” — dizia então Lisboa. O continente inteiro pesava sobre Portugal feito uma montanha selvagem repleta de tribos ameaçadoras; Lisboa, em festa, desafiava a Europa: “Podem me tomar como alvo quando faço questão de não me esconder? Quando estou tão vulnerável...!”

As cidades do meu país estavam, à noite, da cor de cinzas. Eu me havia desabituatedo de qualquer claridade, e aquela capital radiante me causava um vago mal-estar. Se o subúrbio à volta está escuro, diamantes de uma vitrine bem iluminada atraem os gatunos. Nós os sentimos circulando. Eu sentia, pesando sobre Lisboa, a noite da Europa habitada por grupos errantes de bombardeiros, como se de longe houvessem farejado aquele tesouro.

Mas Portugal ignorava o apetite do monstro. Recusava-se a crer nos maus agouros. Portugal falava de arte com uma confiança desesperada. Ousariam esmagá-lo com seu culto à arte? Ele trouxera à tona todas as suas maravilhas. Ousariam esmagá-lo com suas maravilhas? Ele mostrava seus grandes homens. Portugal, na falta de exército e na falta de canhões, erguera contra a ferraria do invasor todas as suas sentinelas de pedra: os poetas, os exploradores, os conquistadores. Todo o passado de Portugal, na

falta de exércitos e de canhões, barrava a estrada. Ousariam esmagá-lo com sua herança de um passado grandioso?

Assim, toda noite eu vagava melancólico através do sucesso daquela exposição de gosto extremado, onde tudo tangia à perfeição, até a música tão discreta, escolhida com tanto tato e que, nos jardins, fluía docemente, sem estrondo, como um simples cantarolar de fonte. Jam destruír no mundo aquele gosto maravilhoso pela sobriedade?

E eu achava Lisboa, por trás de seu sorriso, mais triste que minhas cidades apagadas.

Conheci, vocês talvez tenham conhecido, famílias um pouco esquisitas que conservavam à mesa o lugar de um morto. Elas negavam o irreparável. Mas esse desafio não me parece reconfortante. Dos mortos deve-se fazer mortos. Então eles encontram, no seu papel de mortos, outra forma de presença. Mas aquelas famílias suspendiam o retorno deles. Elas faziam deles eternos ausentes, convivas atrasados para a eternidade. Trocavam o luto por uma espera sem conteúdo. E aquelas casas me pareciam mergulhadas num mal-estar sem remissão, sufocante e diferente do pesar. Do piloto Guillaumet, o último amigo que perdi e que foi abatido em serviço postal aéreo, meu Deus!, aceitei guardar luto. Guillaumet não mudará mais. Ele não estará jamais presente, mas também não estará jamais ausente. Sacrifiquei seus talheres à minha mesa — armadilha inútil — e fiz dele um amigo verdadeiramente morto.

Mas Portugal tentava crer na felicidade, mantendo os talheres dela, os lampiões de rua e a música. Brincava-se de felicidade, em Lisboa, para que Deus tratasse de acreditar.

O clima de tristeza de Lisboa também se devia à presença de alguns refugiados. Eu não falo dos proscritos em busca de um asilo. Não falo de imigrantes à procura de uma terra para fecundar com seu trabalho. Falo dos que se expatriavam longe da miséria dos seus a fim de salvaguardar seu dinheiro.

Não tendo conseguido me hospedar na cidade, eu estava no Estoril, ao lado do cassino. Eu acabava de sair de uma guerra densa: meu grupo de reconhecimento aéreo, que por nove meses

jamais interrompera sobrevoos na Alemanha, havia inclusive perdido, durante a única ofensiva alemã, três quartos de seus tripulantes. Eu conheci, voltando para casa, a mórbida atmosfera da escravidão e a ameaça da fome. Eu tinha vivido a noite espessa de nossas cidades. E eis que a dois passos de onde eu estava, toda noite, o cassino do Estoril se povoava de mortos-vivos. *Cadilacs* silenciosos, fingindo ir a algum lugar, os depositavam sob o toldo da entrada. Estavam vestidos para jantar fora, como antes. Exibiam seus plastrões ou suas pérolas. Haviam-se convidado uns aos outros para serem figurantes nos jantares onde nada teriam a se dizer.

Depois jogavam roleta ou bacará de acordo com suas fortunas. Eu ia às vezes assistir. Eu não tinha nem indignação, nem sentimento de ironia, mas uma vaga angústia. Daquela que nos perturba no zoológico diante dos sobreviventes de uma espécie extinta. Eles se acomodavam em volta das mesas. Apertavam-se diante de um crupiê austero e se esfalfavam sentindo esperança, desespero, receio, inveja e jubilação. Como vivos. Apostavam fortunas que talvez, naquele mesmo minuto, estivessem esvaziadas de significado. Usavam moedas talvez já inválidas. Os valores de seus cofres talvez estivessem garantidos por fábricas já confiscadas ou ameaçadas pelos torpedos aéreos, ou prestes a serem esmagadas. Eles construía castelos no ar. Eles se esforçavam para crer, atando-se ao passado — como se nada tivesse começado, desde alguns meses, a ruir sobre a terra —, na legitimidade de sua febre, na cobertura de seus cheques, na eternidade de suas convenções. Era irreal. Parecia uma dança de bonecas. Mas era triste.

Sem dúvida, eles não se afetavam por nada. Eu os largava ali. Ia respirar à beira do mar. E aquele mar do Estoril, mar de velhas águas, mar cativado, parecia-me também entrar no jogo. Empurrava no golfo uma única onda molenga, toda brilhosa de lua, como um vestido de cauda fora de moda.

Reencontrei esses refugiados no paquete. Aquele navio também espalhava uma angústia tênue. Aquele navio transbordava, de um

continente a outro, aquelas plantas sem raízes. Eu pensava: “Quero ser viajante, não quero ser emigrante. Aprendi tantas coisas na minha terra que alhures serão inúteis”. Mas aqueles emigrantes ali tiravam do bolso suas cadernetas de endereços, cacos de identidade. Eles se agarravam com todas as forças a algum significado. “O senhor sabe, sou aquele tal, sou de tal cidade... o amigo de beltrano... o senhor conhece o fulano de tal?”.

E se punham a contar a história de um companheiro, ou a história de uma responsabilidade, ou a história de um engano ou qualquer outra história que pudesse ligá-los a alguma coisa. Mas daquele passado, uma vez que estavam se expatriando, nada mais adiantaria. Tudo ainda estava quente, fresco, vivo, como são as primeiras lembranças de amor. Faz-se um pacote de cartas apaixonadas. Acrescentam-se algumas lembranças. Embala-se tudo com muito cuidado. E a relíquia inicialmente revela um encanto melancólico. Depois passa uma loira de olhos azuis e a relíquia morre. Pois também o companheiro, a responsabilidade, a cidade natal, as lembranças de casa desbotam se já não servem mais.

Eles percebiam. Assim como Lisboa fingia felicidade, eles faziam de conta que iam voltar logo. É doce a ausência do filho pródigo! É uma falsa ausência pois, atrás dela, a casa da família permanece. Ausente estando no quarto contíguo ou no outro canto do planeta, a diferença não é essencial. A presença do amigo que aparentemente se afastou pode se tornar mais densa do que uma presença real. É a mesma da oração. Nunca gostei tanto de minha casa quanto no Saara. Nunca noivos foram tão próximos de suas noivas quanto os marinheiros bretões do século XVI, quando eles dobravam o cabo Horn e envelheciam contra a muralha dos ventos contrários. Na partida, já começavam a voltar. Ao içar as velas com suas mãos pesadas, era o retorno que estavam preparando. O caminho mais curto do porto da Bretanha à casa da noiva passava pelo cabo Horn. Mas eis que meus emigrantes pareciam marinheiros bretões de quem se tinha tomado a noiva bretã. Nenhuma noiva bretã acendia mais para eles, na janela, o humilde lampião. Eles não eram filhos pródigos. Eram filhos pródigos sem casa para voltar. Então começa a verdadeira viagem, que é para fora de si mesmo.

Como se reconstruir? Como refazer em si o espesso novelo de lembranças? Aquele navio fantasma estava carregado, como o limbo, de almas ainda por nascer. Só pareciam reais, tão reais que dava vontade de tocá-los com o dedo, os que, integrados ao navio e enobrecidos pelas verdadeiras funções, levavam bandejas, areavam os tachos, engraxavam sapatos e, com um ligeiro desprezo, serviam a mortos-vivos. Não era a pobreza que valia aos emigrantes aquele ligeiro desdém dos funcionários. Não era dinheiro que lhes faltava, mas densidade. Eles não eram mais o homem de tal casa, de tal amigo, de tal responsabilidade. Desempenhavam um papel, porém este já não era verdadeiro. Ninguém precisava deles, ninguém recorria a eles. Como é maravilhoso aquele telegrama que mexe com a gente, faz a gente se levantar no meio da madrugada e ir correndo à estação de trem: “Venha logo! Preciso de você!” É rápido que achamos amigos que nos ajudam. Merecemos lentamente os que exigem ser ajudados. Decerto ninguém odiava, ninguém invejava, ninguém importunava aqueles mortos-vivos. Mas ninguém os amava do único amor que vale a pena. Eu pensava: “Na chegada, serão recebidos com coquetéis de boas-vindas, jantares de consolação”. Mas quem vai esmurrar a porta deles exigindo ser recebido: “Abra! Sou eu!”? É preciso amamentar por muito tempo uma criança antes que ela exija o peito. É preciso cultivar um amigo por muito tempo antes que ele reclame nossa dívida de amizade. É preciso ter se arruinado por gerações consertando o velho castelo que desmorona para aprender a amá-lo.

II

Eu pensava comigo então: “O essencial é que em algum lugar aquilo de que vivemos permaneça. E os costumes. E as festas de família. E a casa de nossas lembranças. O essencial é viver para o retorno...”. E eu me sentia ameaçado em minha própria substância pela fragilidade dos polos longínquos de que eu dependia. Arriscava conhecer um verdadeiro deserto, e comecei a compreender um mistério que por muito tempo havia me intrigado.

Vivi três anos no Saara. Eu também sonhei, como tantos outros, com sua magia. Quem conheceu a vida saariana, onde tudo, aparentemente, é apenas solidão e despojamento, chora, entretanto, por tais anos como os mais belos que viveu. As palavras “nostalgia da areia”, “nostalgia da solidão”, “nostalgia do espaço” são meras fórmulas literárias e não explicam nada. Todavia, pela primeira vez, a bordo de um navio fervilhando de passageiros amontoados, parecia-me compreender o deserto.

Decerto, o Saara oferece, a perder de vista, somente uma areia uniforme, ou melhor, um cascalho pedregoso, pois as dunas são raras. Ali se fica imerso permanentemente nas condições propícias ao tédio. Contudo, divindades invisíveis constroem uma rede de direções, de declives e sinais, uma musculatura secreta e viva. Não há mais uniformidade. Tudo se orienta. Um silêncio não se parece com outro silêncio.

Há um silêncio da paz quando as tribos estão conciliadas e quando a noite traz seu frescor e parece que fazemos alto, com velas ferradas, num porto tranquilo. Há um silêncio do meio-dia quando o sol suspende os pensamentos e os movimentos. Há um falso silêncio quando o vento do norte abranda, e o surgimento de insetos, arrancados como pólen dos oásis do interior, anuncia a

tempestade do leste trazendo areia. Há um silêncio de complô quando se sabe que uma tribo longínqua está fermentando. Há um silêncio de mistério quando se enredam entre os árabes seus indecifráveis conciliábulos. Há um silêncio tenso quando o mensageiro demora a chegar. Um silêncio agudo quando, à noite, seguramos a respiração para ouvir. Um silêncio melancólico, se nos lembramos de quem amamos.

Tudo se polariza. Cada estrela fixa uma verdadeira direção. Elas são todas estrelas dos Reis Magos. Todas servem a seu próprio deus. Esta aqui designa a direção de um poço longínquo, difícil de atingir. E a vastidão que nos separa desse poço pesa como uma muralha. Aquela ali designa a direção de um poço ressequido. E a própria estrela parece seca. E a vastidão que nos separa do poço ressequido não tem inclinações. Outra estrela serve de guia para um oásis desconhecido que os nômades nos cantaram, mas que a dissidência nos interdita. E a areia que nos separa do oásis é relva de contos de fadas. Outra, ainda, designa a direção de uma cidade branca do Sul, saborosa, ao que parece, como uma fruta boa de se cravar os dentes. Aquela outra, a direção do mar.

Enfim polos quase irreais imantam de muito longe esse deserto: uma casa de infância, que permanece viva na lembrança. Um amigo de quem nada se sabe, senão que existe.

Assim, a gente se sente tenso e vivificado pelo campo das forças que nos puxam ou empurram, nos atraem ou repelem. Ali estamos bem fincados, bem determinados, bem instalados no centro de pontos cardeais.

E como o deserto não oferece nenhuma riqueza tangível, como não há nada a ver nem ouvir no deserto, somos obrigados a reconhecer — já que a vida interior, longe de adormecer, aí se fortifica — que o homem é animado, antes de tudo, por solicitações invisíveis. O homem é governado pelo Espírito. Eu valho, no deserto, o que valem minhas divindades.

Assim, se eu me sentia pleno, a bordo de meu triste navio, de direções ainda férteis, se eu morava num planeta ainda vivo, era

graças a alguns amigos perdidos lá atrás na noite da França e que começavam a ser essenciais para mim.

A França, decididamente, não era para mim uma deusa abstrata, nem um conceito de historiador, mas uma carne da qual eu dependia, uma rede de relações que me regia, um conjunto de polos que alicerçava as inclinações do meu coração. Eu tinha necessidade de sentir mais sólidos e mais duradouros do que eu mesmo aqueles de quem eu precisava para me orientar. Para saber aonde voltar. Para existir. Neles meu país cabia inteiro e, através deles, vivia em mim. Para quem navega pelo mar, um continente se resume meramente no brilho de alguns faróis. Um farol não mede o afastamento. Sua luz está presente nos olhos, simplesmente. E todas as maravilhas do continente residem na estrela.

E agora que a França inteira, em consequência da ocupação total, à maneira de um navio com todas as luzes apagadas, do qual se ignora se sobrevive ou não aos perigos do mar, entrou no silêncio com sua carga, a sorte de cada um daqueles que amo me atormenta mais gravemente do que uma doença alojada em mim. Vejo-me ameaçado em minha essência pela fragilidade deles.

Aquele que esta noite se apodera da minha memória tem cinquenta anos de idade. Ele está doente. Ele é judeu. Como ele sobreviveria ao terror alemão? Para imaginar que ele ainda está respirando, preciso crer que tenha sido ignorado pelo invasor, abrigado em segredo pela bela muralha silenciosa dos camponeses de sua vila. Só assim acredito que ele ainda esteja vivo. Só assim, perambulando longe pelo império de nossa amizade, que não tem fronteiras, consigo me sentir não emigrante, mas viajante. Pois o deserto não está onde se crê. O Saara é mais vivo do que uma capital, e a cidade mais fervilhante se esvazia se os polos essenciais da vida forem desimantados.

III

Como a vida constrói então essas linhas de força de que vivemos? De onde vem o magnetismo que me atrai para a casa desse amigo? Quais são então os instantes capitais que fizeram dessa presença um dos polos de que preciso? De que eventos secretos são então forjadas as ternuras particulares e, através delas, o amor pelo país?

Os verdadeiros milagres pouco barulho fazem! Como são simples os acontecimentos essenciais! Sobre o instante que quero contar, há tão pouco a dizer que preciso revivê-lo em sonho, e falar a esse amigo.

Foi num dia antes da guerra, às margens do Saône, lá pelos lados de Tournus. Havíamos escolhido, para almoçar, um restaurante cujo deque ficava sobre o riacho. Acotovelados a uma mesa bem simples, marcada à faca pelos clientes, havíamos pedido dois Pernod. Teu médico te proibia o álcool, mas transgredias em ocasiões especiais. Aquela era uma delas. Não sabíamos por que, mas era uma delas. O que nos alegrava era mais impalpável do que a qualidade da luz. Tinhas então escolhido o Pernod das ocasiões especiais. E como dois barqueiros, a alguns passos de nós, estavam descarregando uma lancha, convidamos os barqueiros. Do alto do terraço, nós os chamamos. E eles vieram. Eles simplesmente vieram. Achamos natural convidar companheiros, certamente por causa daquela festa invisível em nós. Era óbvio que eles estavam respondendo ao sinal. Então brindamos!

O sol estava bom. Seu mel cálido banhava os povoados da outra margem e a planície até o horizonte. Fomos ficando cada vez mais alegres, sempre sem saber por quê. Era seguro que o sol iluminava

bem, que o rio corria, que a refeição era refeição, que os barqueiros tinham respondido ao chamado, a garçonete nos servia com uma espécie de gentileza feliz, como se ela presidisse uma festa eterna. Estávamos plenamente em paz, bem entrosados numa civilização definitiva ao abrigo da desordem. Saboreávamos uma espécie de estado perfeito em que, uma vez exauridos todos os desejos, não tínhamos mais nada a nos confiar. Nós nos sentíamos puros, corretos, luminosos e indulgentes. Não saberíamos dizer qual verdade aparecia com toda evidência. Mas o sentimento que nos dominava era o da certeza. De uma certeza quase orgulhosa.

Assim o universo, através de nós, provava sua boa vontade. A condensação das nebulosas, o enrijecimento dos planetas, a formação das primeiras amebas, o trabalho gigantesco da vida que levou da ameba ao homem, tudo havia convergido felizmente para chegar, através de nós, àquela qualidade do prazer! Até que não era mau como resultado.

Assim saboreávamos aquele entendimento mudo e aqueles ritos quase religiosos. Acalentados pelo vaivém da garçonete sacerdotal, os barqueiros e nós brindávamos como fiéis da mesma Igreja, ainda que não soubéssemos dizer qual. Um dos dois barqueiros era holandês. O outro, alemão. Este havia outrora escapado ao nazismo, lá perseguido como comunista, ou como trotskista, ou como católico, ou como judeu. (Eu não me lembro mais do rótulo sob o qual o homem estava proscrito.) Mas naquele instante o barqueiro era coisa bem diferente de um rótulo. Era o conteúdo que importava. A massa humana. Ele era um amigo, simplesmente. E estávamos de acordo, entre amigos. Tu estavas de acordo. Eu estava de acordo. Os barqueiros e a garçonete estavam de acordo. De acordo sobre o quê? Sobre o Pernod? Sobre o significado da vida? Sobre a amenidade do dia? Também não saberíamos dizer. Mas aquele acordo era tão pleno, tão solidamente estabelecida sua profundidade, elaborado sobre uma bíblia tão evidente em sua substância, embora inenunciável em palavras, que teríamos aceitado com prazer fortificar aquele pavilhão, fazer ali um foco de resistência e morrer atrás das metralhadoras para salvar aquela substância.

Que substância...? É justamente aqui que fica difícil se expressar! Arrisco captar só os reflexos, não o essencial. As palavras insuficientes deixarão minha verdade fugir. Serei obscuro se disser que teríamos facilmente combatido para salvar uma certa qualidade do sorriso dos barqueiros, e do teu sorriso e do meu sorriso, e do sorriso da garçonete, um certo milagre daquele sol que fizera tanto sacrifício, há tantos milhões de anos, para, através de nós, convergir na qualidade de um sorriso que era muito bem-acabado.

O essencial, na maioria das vezes, não tem peso. O essencial aqui, aparentemente, não passou de um sorriso. Um sorriso é frequentemente o essencial. Somos pagos com um sorriso. Somos recompensados por um sorriso. Somos animados por um sorriso. E a qualidade de um sorriso pode fazer com que a gente morra. No entanto, já que aquela qualidade nos livrava tão bem da angústia do nosso tempo, concedendo-nos a certeza, a esperança, a paz, eu hoje preciso, para tentar me exprimir melhor, contar também a história de um outro sorriso.

IV

Foi durante uma reportagem sobre a guerra civil na Espanha. Eu tivera a imprudência de assistir às escondidas, por volta das três horas da manhã, a um embarque de material secreto numa estação de cargas. A agitação das equipes e certa obscuridade pareciam favorecer minha indiscrição. Mas pareci suspeito às milícias anarquistas.

Foi muito simples. Eu nem desconfiava de sua aproximação elástica e silenciosa quando eles se fecharam ao meu redor, devagarinho, como os dedos de uma mão. O cano de suas carabinas pesou contra minha barriga e o silêncio me pareceu solene. Levantei, enfim, os braços.

Observei que eles não fixavam meu rosto, mas minha gravata (a moda num subúrbio anarquista desaconselhava aquele objeto de arte). Meu corpo se contraiu. Eu esperava os tiros, era a época dos julgamentos sumários. Mas não houve nenhum tiro. Depois de uns segundos de absoluto vazio, durante os quais as equipes de trabalho me pareceram dançar uma espécie de balé de sonho num outro universo, os anarquistas, com um ligeiro movimento de cabeça, me fizeram sinal para andar à frente deles, e nos pusemos a caminho, sem pressa, através dos corredores de triagem. A captura se fizera num silêncio perfeito e com uma extraordinária economia de movimentos. Assim age a fauna submarina.

Afundi logo num subsolo transformado em posto de guarda. Mal iluminados por uma luz fraca de lampião a querosene, outros milicianos cochilavam, com a carabina entre as pernas. Trocaram algumas palavras, numa voz neutra, com os homens da minha patrulha. Um deles me revistou.

Eu falo espanhol, mas não sei catalão. Entendi, no entanto, que exigiam meus documentos. Eu os tinha esquecido no hotel. Respondi: “Hotel... Jornalista...”, sem saber se minha linguagem transmitia alguma coisa. Os milicianos passaram de mão em mão minha câmara fotográfica, como uma prova material. Alguns dos que bocejavam, afundados nas cadeiras bambas, demonstraram uma espécie de tédio e se encostaram na parede.

Porque a impressão dominante era a de tédio. De tédio e de sono. Parecia-me que a capacidade de atenção daqueles homens estava no limite. Cheguei quase a desejar, como contato humano, um sinal de hostilidade. Mas eles não me honraram com nenhum sinal de raiva nem de reprovação. Tentei repetidas vezes protestar em espanhol. Meus protestos caíram no vazio. Eles me olharam sem reagir, como se estivessem olhando um peixe chinês num aquário.

Esperavam. Esperavam o quê? O retorno de um deles? A aurora? Eu pensava: “Talvez estejam esperando ficar com fome...”.

Eu pensava também: “Eles vão fazer uma besteira! É absolutamente ridículo!” O sentimento que eu tinha — bem mais que um sentimento de angústia — era de desgosto pelo absurdo. Eu pensava: “Se eles se mexerem, se quiserem agir, vão atirar!”.

Será que eu estava realmente em perigo? Continuariam ignorando que eu não era sabotador nem espião, mas jornalista? Que meus documentos de identidade estavam no hotel? Teriam tomado uma decisão? Qual?

Eu nada sabia sobre eles, a não ser que fuzilavam sem grandes dramas de consciência. As vanguardas revolucionárias, de qualquer partido que seja, caçam, não homens (elas não medem o homem em sua substância), mas sintomas. A verdade adversa surge como uma doença epidêmica. Por causa de um sintoma duvidoso, despacha-se o contaminado para o isolamento do leprosário. O cemitério. É por isso que me parecia sinistro aquele interrogatório que caía em cima de mim em monossílabos vagos, de tempos em tempos, e do qual eu nada entendia. Era minha pele apostada numa roleta cega. Era por isso também que eu sentia a estranha necessidade, a fim de fazer valer uma presença real, de gritar para eles alguma coisa a meu respeito que impusesse o meu verdadeiro

destino. Minha idade, por exemplo! É impressionante a idade de um homem! Ela resume toda a sua vida. Fez-se lentamente a maturidade que lhe é própria. Ela se fez contra tantos obstáculos vencidos, contra tantas doenças graves curadas, contra tantos sofrimentos apaziguados, contra tantos desesperos superados, contra tantos riscos que, na maioria, escaparam à consciência. Ela se fez através de tantos desejos, tantas esperanças, tantos arrependimentos, tantos esquecimentos, tanto amor. Representa uma bela carga de experiências e de lembranças, a idade de um homem! Apesar das armadilhas, solavancos, vincos, bem ou mal continuamos a avançar, aos trancos e barrancos, como uma boa caçamba. E agora, graças a uma convergência obstinada de acasos felizes, cá estamos. Tenho trinta e sete anos. E a boa caçamba, se Deus quiser, levará ainda mais longe sua carga de lembranças. Eu pensava: “E aqui estou. Tenho trinta e sete anos...”. Gostaria de ter pressionado meus juízes com essa confidência... mas eles já não me interrogavam.

Foi então que aconteceu o milagre. Ah, um milagre muito discreto. Meus cigarros tinham acabado. Como um de meus vigias estava fumando, eu lhe pedi, com um gesto, que me desse um, e esbocei um ligeiro sorriso. O homem primeiro se esticou, passou lentamente a mão na testa, levantou os olhos não mais na direção da minha gravata, mas do meu rosto e, para meu espanto, esboçou, ele também, um sorriso. Foi como o alvorecer.

Aquele milagre não resolveu o drama; ele o apagou, simplesmente, como a luz à sombra. Nenhum drama havia acontecido mais. Aquele milagre não modificou nada que fosse visível. O lampião a querosene ruim, uma mesa de papéis esparsos, os homens encostados na parede, a cor dos objetos, o cheiro, tudo persistiu. Mas cada coisa foi transformada em sua própria substância. Aquele sorriso me libertava. Era um sinal tão definitivo, tão evidente em suas consequências imediatas, tão irreversível quanto a chegada do sol. Inaugurava uma nova era. Nada havia mudado, tudo estava mudado. A mesa com papéis esparsos se tornava viva. O lampião a querosene se tornava vivo. As paredes estavam vivas. O tédio exalado pelos objetos mortos daquele porão

se atenuava como por encantamento. Era como se um sangue invisível tivesse começado a circular, ligando todas as coisas num mesmo corpo e lhes restituindo um significado.

Tampouco os homens haviam se mexido, mas enquanto um segundo antes eles me pareciam mais distantes de mim do que uma espécie antediluviana, agora nasciam para uma vida próxima. Experimentei uma extraordinária sensação de presença. Isso mesmo: de presença! Eu sentia meu parentesco.

O rapaz que havia sorrido para mim e que, um segundo antes, era tão somente uma função, uma ferramenta, uma espécie de inseto monstruoso, agora se revelava um pouco desajeitado, quase tímido, de uma maravilhosa timidez. Não que ele fosse menos brutal que outros, aquele terrorista! Mas o advento do homem nele iluminava tão bem sua parte vulnerável! Nós, os homens, tomamos ares de grande importância, mas conhecemos, no segredo do coração, a hesitação, a dúvida, a mágoa...

Nada ainda fora dito. No entanto, tudo estava resolvido. Pus a mão no ombro do miliciano, agradecendo, quando ele me estendeu o cigarro. E como, uma vez quebrado aquele gelo, também os outros milicianos voltavam a ser homens, entrei no sorriso de todos como num país novo e livre.

Entreí no sorriso deles como, outrora, no sorriso de nossos salvadores do Saara. Tendo os camaradas nos encontrado depois das jornadas de buscas, tendo aterrissado o mais perto possível, vinham em nossa direção com grandes passadas, balançando visivelmente, nos braços, os odres de água. Do sorriso dos salvadores, se eu era o náufrago, dos náufragos, se eu era o salvador, também me lembro como de uma pátria onde eu me sentia muito feliz. O prazer verdadeiro é prazer o de conviva. O salvamento é apenas a ocasião desse prazer. A água não tem o poder de encantar se não for primeiro um presente da boa vontade dos homens.

Os cuidados dispensados ao doente, o acolhimento oferecido ao proscrito, até mesmo o perdão, só valem graças ao sorriso que ilumina a festa. Acima das linguagens, das castas, dos partidos, nós

nos unimos no sorriso. Somos os fiéis de uma mesma Igreja, fulano e seus costumes, eu e os meus.

V

Não seria essa qualidade da alegria o fruto mais precioso da civilização que é nossa? Uma tirania totalitária também poderia satisfazer nossas necessidades materiais. Mas não somos gado na engorda. A prosperidade e o conforto não bastariam para nos completar. Para nós que fomos criados no culto do respeito pelo homem, têm grande valia os simples encontros que se transformam às vezes em festas maravilhosas...

Respeito pelo homem! Respeito pelo homem... Eis aí a pedra de toque! Quando o nazista respeita exclusivamente quem é semelhante a ele, não respeita nada além de si mesmo; ele recusa as contradições criativas, arruína toda esperança de ascensão e funda, por mil anos, em vez de um homem, um robô de cupinzeiro. A ordem pela ordem castra o poder essencial do homem, que é o de transformar o mundo e a si mesmo. A vida cria a ordem, mas a ordem não cria a vida.

Parece-nos que, muito pelo contrário, nossa ascensão não está concluída, que a verdade de amanhã se nutre do erro de ontem e que as contradições a serem superadas são o próprio adubo do nosso crescimento. Reconhecemos como nossos até mesmo aqueles que diferem de nós. Mas que estranho parentesco! Ele se baseia no futuro, não no passado. Na finalidade, não na origem. Somos uns para os outros peregrinos que, ao longo de caminhos diversos, pelejamos rumo ao mesmo encontro.

Mas acontece que hoje o respeito pelo homem, condição de nossa ascensão, está em perigo. Os desmoronamentos do mundo moderno nos mergulharam nas trevas. Os problemas são incoerentes, as soluções contraditórias. A verdade de ontem está morta, a de amanhã ainda está por ser construída. Não se entrevê

nenhuma síntese válida, e cada um de nós detém apenas uma parcela da verdade. Por falta de provas que as imponham, as religiões políticas apelam à violência. E dividindo-nos sobre os métodos, arriscamos não mais reconhecer que nos precipitamos para o mesmo objetivo.

O viajante que atravessa a montanha na direção de uma estrela, ao se deixar absorver demais por seus problemas de escalada, corre o risco de esquecer qual estrela o guia. Se ele só age por agir, não irá a parte alguma. Quem reserva assentos na catedral, ao se preocupar avidamente com isso, arrisca esquecer que serve a um deus. Assim, ao me fechar em uma paixão partidária, arrisco esquecer que uma política só tem sentido se a serviço de uma manifestação espiritual. Experimentamos, nas horas de milagre, certa qualidade das relações humanas: aí está a verdade para nós.

Seja qual for a urgência da ação, nos é proibido esquecer a vocação que deve comandá-la, sem a qual a ação permanecerá estéril. Queremos instituir o respeito pelo homem. Por que nos odiaríamos dentro de um mesmo campo? Nenhum de nós detém o monopólio da pureza de intenções. Posso combater, em nome do meu caminho, outro caminho que alguém escolheu. Posso criticar os passos de sua razão. Os passos da razão são incertos. Mas devo respeitar esse homem, no plano do Espírito, se ele peleja rumo à mesma estrela.

Respeito pelo Homem! Respeito pelo Homem! Se o respeito pelo homem estiver fundado no coração dos homens, os homens acabarão por fundar, inversamente, o sistema social, político ou econômico que consagrará esse respeito. Uma civilização se funda primeiro na substância. Ela é em primeiro lugar, no homem, desejo cego de um pouco de calor. O homem, depois, de erro em erro, encontra o caminho que conduz ao fogo.

VI

É sem dúvida por isso, meu amigo, que preciso tanto da tua amizade. Tenho sede de um companheiro que, acima dos litígios da razão, respeite em mim o peregrino desse fogo. Às vezes preciso saborear, antecipadamente, o calor prometido, e descansar, um pouco além de mim mesmo, nesse encontro que será nosso.

Estou farto das polêmicas, dos exclusivistas, dos fanatismos! Posso entrar na tua casa sem vestir um uniforme, sem me submeter à recitação de um Corão, sem renunciar ao que quer que seja da minha pátria interior. Ao teu lado não tenho de me desculpar, não tenho de pleitear, não tenho de provar; eu encontro a paz, como em Tournus. Acima das minhas palavras desajeitadas, acima dos meus raciocínios que podem me enganar, consideras em mim simplesmente o Homem. Honras em mim o embaixador de crenças, de costumes, de certos amores. Se sou diferente de ti, longe de te lesar, eu te acrescento. Interrogas-me como se interroga o viajante.

Eu que tenho, como todo mundo, necessidade de ser reconhecido, sinto-me puro em ti e vou a ti. Eu preciso ir aonde sou puro. Não foram minhas fórmulas nem meus passos que te instruíram sobre quem sou. É a aceitação do que sou que te fez, quando necessário, indulgente para com esses passos e essas fórmulas. Eu te agradeço por me receberes tal como estou aqui. De que me serve um amigo que me julga? Se acolho um amigo à minha mesa, eu lhe rogo que se sente; caso esteja mancando, não peço que dance.

Meu amigo, preciso de ti como de um cimo onde se respira! Preciso estar à mesa junto de ti, mais uma vez, às margens do Saône, numa pequena pousada de assoalho desconjuntado, e convidar dois marinheiros, na companhia dos quais faremos um brinde na paz de um sorriso semelhante ao dia.

Se eu ainda combater, combatarei um pouco por ti. Preciso de ti para acreditar realmente no advento daquele sorriso. Preciso te ajudar a viver. Eu te vejo tão fraco, tão ameaçado, arrastando teus cinquenta anos, durante horas, para subsistir mais um dia, na calçada de alguma mercearia pobre, tremendo dentro do agasalho precário de um casaco surrado. Tu, tão francês, sinto-te duas vezes em perigo de morte, por ser francês e por ser judeu. Sinto todo o apreço de uma comunidade que não autoriza mais os litígios. Somos todos da França como de uma árvore, e eu servirei tua verdade como servirias a minha. Para nós, franceses de fora, trata-se, nesta guerra, de desbloquear o fornecimento de sementes congeladas pela neve da presença alemã. Trata-se de socorrer vocês que estão aí. Trata-se de torná-los livres na terra onde vocês têm o direito fundamental de criar suas raízes. Vocês são quarenta milhões de reféns. É sempre nos porões da opressão que se preparam as novas verdades: quarenta milhões de reféns aí meditam sua nova verdade. Nós nos submetemos, de antemão, a essa verdade.

Pois são vocês que nos ensinarão. Não nos cabe trazer a chama espiritual àqueles que já a nutrem com sua própria substância, como a cera. Vocês nem lerão, talvez, nossos livros. Não escutarão, talvez, nossos discursos. Nossas ideias talvez vocês vomitem. Nós não fundamos a França. Nós só podemos servi-la. Nós não teremos direito, o que quer que façamos, a nenhum reconhecimento. Não há comparação entre o combate livre e o esmagamento na noite. Não há comparação entre o ofício de soldado e o ofício de refém. Vocês são os santos.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Carta a um refém"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).